

## Resenha

SOARES, N. M. M. *Gêneros textuais em foco: argumentação em textos opinativos*. Curitiba: ed. Aprris, 2016.

Rafael Seixas de Amoêdo (UEA)

Sobre a autora: Neiva Maria Machado Soares é professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutora em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). É pesquisadora nas áreas da Multimodalidade, Análise de Discurso Crítica, Linguística Sistêmico-Funcional e gêneros textuais. Líder do Grupo de Pesquisas SDISCON- Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade, fundado em 2016. Seu mais recente trabalho é a organização do livro *Análise em discurso: semiótica e multimodalidade* (2017) em parceria com colegas da UEA e UnB.

O livro é fruto da dissertação de mestrado da autora, realizado sob orientação da professora Dra. Désirée Motta-Roth, da Universidade de Santa Maria. A obra visa tecer considerações teóricas e analíticas nos vieses da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (, *Análise de Discurso Crítica faircloughiana* (1989; 1992; 1995), além das concepções de Bakhtin (1992), Hasan (1985), Longacre (1992), Vande Kopple (1985), Crismore (1989) e outros. Em análises num nível micro e macroestrutural, ou seja, além de proporcionar um levantamento de elementos textuais no gênero analisado, parte-se também para o contexto social em que está inserido.

A obra divide-se em três capítulos, estrutura típica de uma dissertação de mestrado: o primeiro trata de apresentar o aparato teórico utilizado; o segundo, uma contextualização do gênero editorial, objeto da pesquisa; E o terceiro tece considerações dentro das perspectivas micro e macroestrutural, a análise propriamente dita.

A autora parte da percepção de dualidade entre linguagem e sociedade, buscando, assim, um contexto com relações bidirecionais entre as pessoas, atendo-se então à mídia, e dentro deste amplo campo, optou-se pelo jornal como objeto de estudo. O jornal engloba um conjunto de textos, dentre os quais se destacam quatro categorias, segundo Caldas-Coulthard (1997): publicidade, notícias, editoriais e serviços. Os editoriais foram tomados como escopo analítico por demonstrarem marcas de persuasão, um dos focos deste trabalho.

O editorial é concebido funcionalmente para apresentar uma posição/opinião sobre um determinado assunto no contexto em que está inserido. A autora enumera vários estudos que enfocam este gênero, portanto, de grande interesse no âmbito científico. Algo também reiterado por Fairclough (1995) ao destacar a importância de estudos que tratem os textos da mídia como formas de representar o modo como a sociedade se organiza.

No primeiro capítulo, discute-se o campo teórico acerca das concepções de discurso, gênero e texto. Inicialmente apresenta a Análise de Discurso Crítica (ADC) para conceber discurso como prática sociocultural. É por esta análise que o gênero jornalístico editorial será analisado a fim de investigar as influências intrínsecas da sociedade sobre os discursos. Em ADC por uma visão multidimensional de Fairclough ao compreender o discurso em três vieses inter-relacionados: a prática textual, a prática discursiva e a prática sociocultural. Em cada dimensão desencaixando-se categoriais analíticas para um dado gênero. Na obra, a autora alerta que não abordará os aspectos de consumo e distribuições dos textos (prática discursiva) e enfocará em aspectos relativos ao discurso, contexto e texto, tecendo em seguida as concepções de cada aspecto.

Discurso, como já afirmado, é tratado como prática social, interação entre os participantes de um evento comunicativo. Não é algo estático ou de manifestação individual, conceitos estes abarcados da ADC. Concorde com Kress (1989) ao afirmar que os grupos e instituições articulam sentidos e valores na linguagem, ou seja, os discursos manifestam pontos de vistas determinados. Com isso, o discurso torna-se uma forma de exercer poder sobre as pessoas e é papel da ADC revelar estas marcas implícitas ou não que estão presentes em textos diversos. A mídia é um grande exemplo de instituição que propaga valores através da linguagem como forma de exercer poder e controle.

Além da ADC, outro sustentáculo teórico da obra é a Linguística Sistêmico-Funcional e as metafunções ideacional, interpessoal e textual. Isso é evidenciado ao se apresentar o contexto de situação com estrutura composta por três elementos: campo, relações e modo. Texto está situado dentro de um contexto e desperta grandes interesses de pesquisa desde a década de 1960, com destaques aos estudos de Koch (1996) e a Linguística textual; Halliday e Hasan (1976); Fairclough (1995); Kress (1996); e Bakhtin (1992).

Ao discutir questões relativas ao texto, a autora adentra nos conceitos de coesão e coerência, importantes para contextualizar os elementos metadiscursivos a serem analisados nos meandros dos editoriais. O metadiscurso é um recurso sinalizador, ou seja, orienta o leitor sobre a presença do autor no texto, geralmente a partir de um posicionamento. Divide-se em marcadores textuais (conectores- conjunções, dêiticos, anáforas) e retóricos (marcadores de validade – visão explícita ou implícita; e atitude- positiva ou negativa). Algo que pode ser atrelado à perspectiva da polidez dos discursos.

Ainda no capítulo um, são retomadas as diversas perspectivas do gênero jornalístico (MELO, 2003; DINES e MELO, 1997; FAIRCLOUGH, 1992). De um modo geral, o gênero subdivide-se em informação e opinião, entretanto, a autora assevera que não são claros os limites e fronteiras entre estes

tópicos. A opção pelo gênero editorial deve-se à sua natureza exortativa e persuasiva, partindo-se de configurações de cada gênero já pormenorizadas anteriormente (estrutura, função e conteúdo). Neste trabalho, parte-se de um levantamento macroestrutural para o microestrutural, ou seja, analisa-se o gênero em sua estrutura e depois se destaca os elementos que contribuem para a construção do argumento no gênero jornalístico editorial, algo a ser tratado no capítulo seguinte.

O capítulo dois faz uma contextualização das análises dos editoriais de três empresas, *A Razão*, *Zero Hora* e *Folha de S. Paulo*. O capítulo divide-se em três grandes partes pela autora. Inicialmente, propõe-se uma explanação sobre o processo de produção do editorial e sua configuração dentro jornal; Em seguida discute-se a partir de uma análise macroestrutural; E por último, à luz de Longacre (1992), analisa o gênero em seu caráter exortativo.

O objetivo geral do trabalho é compreender as práticas discursivas da mídia, sobretudo, nestes três jornais impressos de diferentes abrangências (local, regional e nacional). O jornal *A Razão* publica um editorial semanal aos sábados, na seção Opinião; O jornal *Zero Hora* apresenta três editoriais de segunda a sábado, diferenciando aos domingos. Os editoriais estão dispostos no centro do período, na seção de respectivo nome: um mais extenso e dois de menor extensão, não ultrapassando 35 centímetros de comprimento; *A Folha de S. Paulo* publica diariamente três editoriais e possui uma configuração fixa de 28 linhas, divididas em duas colunas. Estão dispostos na seção Opinião.

Cada jornal possui uma meta e perspectivas de trabalho: *A Razão* produz um jornal para a comunidade local de Santa Maria (RS) potencializando a cidade e a região; *O Zero Hora* é de natureza regional enfatizando uma linha em defesa de democracia, da liberdade, igualdade, ética, entre outros aspectos. Possui um panorama do regional à economia nacional englobando aspectos positivos e negativos das ações institucionais e governamentais; *A Folha de S. Paulo* é considerada talvez o jornal de maior abrangência nacional e se propõe a realizar um jornalismo crítico, apartidário e pluralista, conforme informações extraídas pela autora do site na Internet do próprio jornal. Enfocam as ações econômicas e políticas governamentais como base para os editoriais.

Após esboçar no viés da LSF os aspectos do MODO (como é o texto do editorial), RELAÇÕES (quem faz o editorial) e CAMPO (de que trata o editorial), a autora explana sobre quais os objetivos comunicativos do gênero. Parte de definições dicionarizadas para, então, ampliar aos estudos jornalísticos já citados, como Melo (1994) e Krieger (1990). Encara a natureza exortativa como uma estratégia da instituição produtora de defender interesses seja da própria instituição ou da mídia. Serve para persuadir leitores a verem fatos do modo como se julgam adequados.

Entretanto, também abre leque a despertar a atenção das pessoas às questões cotidianas a fim de estimular uma tomada de posição.

Feito esta afirmação e à luz do modelo de Longacre (1992), analisa os editoriais dos três jornais nos níveis de constituição do discurso persuasivo ou exortativo em quatro movimentos: estabelecer autoridade e credibilidade ao produtor do texto; apresentar a situação e/ou o problema a ser discutido; apresentar comandos dissimulados em sugestões; e propor resultados desejáveis ou não. Esta análise é pormenorizada em tabelas e profundas análises de trechos dos editoriais selecionados.

Soares (2016) nesta obra faz um levantamento por meio também de quatro movimentos que constroem o discurso exortativo nas três instituições. Estes movimentos foram analisados a fim de verificar como se constituem estes discursos. O primeiro movimento apresentado é o discurso que se utiliza da autoridade e da credibilidade do autor, ou seja, do poder de quem escreve. Com isso, ecoam vozes do próprio conhecimento do produtor deste editorial embasando-se em terminologias técnicas, citações. Entretanto, não é um recurso sempre explícito a fim de direcionar o leitor a agir ou pensar em uma dada direção.

O segundo movimento que auxilia na construção exortativa dos editoriais é a apresentação de uma dada situação ou problema. Por este recurso o leitor conhecerá do que trata o texto através de informações preliminares. É considerado um ponto central deste gênero e pode ser manifestada nos títulos e nas discussões acerca da temática nos meandros dos textos; O terceiro movimento trata da utilização de comandos e sugestões, ou seja, direcionamentos que levam o leitor a aceitar (ou não) os argumentos do editorialista. Um recurso que utiliza dos verbos modais e de sugestão, ordem ou comando, bem como expressões enfáticas, por exemplo, “deve ser” ou “é preciso que”; O último movimento ressalta a sinalização dos resultados desejáveis ou não desejáveis. Isso faz com que o escrito avalie os resultados realizados pelos movimentos anteriores. É um fechamento dos argumentos até então apresentados. É importante ressaltar que todos esses levantamentos foram realizados pela autora com auxílio de exemplos extraídos dos editoriais, importantes para compreensão dos resultados apresentados.

Após a análise destes movimentos, adentra-se no discurso exortativo propriamente dito. Este discurso é construído por recursos metadiscursivos num âmbito da retórica. É um ato utilizado por um dado produtor para sustentar seus argumentos ou sua tese. Esta construção é realizada por marcadores de validade que expressam uma maior ou menor certeza do conteúdo apresentado. É examinada por níveis de assertividade. A autora cita vários trabalhos que tratam desta modalidade (AYRES, 1996; SILVA, 1992; PINHEIRO, 1998; KRIEGER, 1990; HEBERLE, 1997;

FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1992; entre outros). Em cada trabalho adotam-se terminologias distintas para os mesmos referentes. Assevera-se também a importância de destacar esta modalidade, principalmente para análise dos editoriais. Seguindo então Halliday (1994) e Koch (1993), a modalidade é dividida em deôntica e epistêmica. A primeira expressa prognóstico ou obrigação. Enquanto a segunda propaga permissão ou capacidade.

A modalidade deôntica manifesta-se por comandos, ofertas e sugestões entre o produtor e interlocutor. Remetendo-se à LSF, esta modalidade estabelece relações pela função interpessoal. É um discurso autoritário e faz com que leve o leitor a aderir a um dado argumento, aceitando-o. Podem ser representados pelos verbos modais (dever, precisar, necessitar, permitir), e também advérbios (realmente, obrigatoriamente, necessariamente). Já a modalidade epistêmica é expressa em graus intermediários variando em probabilidade e usualidade. Utiliza-se dos advérbios (certamente, provavelmente, possibilidade) ou (frequentemente, usualmente, algumas vezes), respectivamente a cada caso. O escritor não impõe explicitamente sua opinião, ocorrendo, então, certo distanciamento em relação à temática.

Outro tipo de modalidade analisada pela autora foi através dos marcadores de atitude. É um recurso que permite ao escritor fazer avaliações do conteúdo do texto, o editorial, no caso, em termos de bom/ruim ou positivo/negativo. No gênero analisado, este levantamento foi possível pela utilização de adjetivos, substantivos, expressões atitudinais (é inaceitável, é um equívoco, entre outros) e advérbios. Ambos os marcadores agregam escritores e leitores, pois vão além do que está exposto nas entrelinhas do editorial. Um terceiro tipo de marcador também é apresentado, os conectores textuais. À luz de Vande Kopple (1985), foram analisados os conectores lógicos e temporais, os sequencializadores e topicalizadores. São elementos que constroem o texto e pontuam o caminho percorrido pelo escritor, ou seja, organizam o texto. Vários exemplos são explicitados pela autora como forma de tratar e pormenorizar esta categoria.

As análises revelaram um forte uso de substantivos anafóricos como elemento de coesão textual, pois evitam a repetição de uma expressão ou um trecho já utilizado anteriormente; assim como viu-se uma problemática na utilização do pronome nós, pois neste caso, ao utilizar, abarca-se não apenas o seu nome, mas o de outros, estando explícitos ou não. Subdividindo-se em nós exclusivo e inclusivo, voltando-se a Fairclough (1992) ao tratar da personalização sintética.

Para finalizar, no capítulo três a autora brevemente remete-se à análise e a todo o trabalho tecendo considerações num nível macro e microestrutural. Observou-se que

os editoriais são construídos por argumentos que estão vinculados a uma instituição que por sua vez insere-se num dado contexto sociocultural. Por outro lado, como um gênero ele apresenta características comuns, configurando-se num dado conteúdo, estilo e função comunicativa. Viu-se que o discurso é construído a partir de inúmeros elementos que são responsáveis pelo encadeamento metonímico de diferentes partes de um texto para construir o editorial. A instituição *Zero Hora* é destacada pela autora como aquela que empregou de modo mais efetivo a modalidade deôntica e os marcadores de atitude. Enquanto que a modalidade epistêmica e os conectores textuais são utilizados de modo assertivo pela *Folha de S. Paulo*. O jornal *A Razão*, no entanto, parte dos substantivos anafóricos e da personalização sintética como instrumentos de aproximação entre o escritor e o público.

O livro é um marco na abordagem de gêneros textuais, principalmente, se observamos que a dissertação que gerou este livro é de 1999, um período que pouquíssimo falava-se e muito menos se discutia sobre gêneros. A obra fornece um panorama linguístico e discursivo sobre o gênero opinativo, no caso, o editorial, e também contribui para pesquisas que tomam por base a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Análise de Discurso Crítica (ADC), áreas pouco propagadas na região Norte, berço da autora desde 2000. Com detalhes, apresenta-se os vieses metodológicos e categorias analíticas que podem dialogar com outras pesquisas já em desenvolvimento, e útil ainda para pesquisadores que pretendem conhecer com afinco este ramo da teoria linguística contemporânea.